
OFICINA DE MÚSICA PARA PESSOAS AUTISTAS: SENSIBILIDADE, ESTÉTICA E ESPIRITUALIDADE COMO RESISTÊNCIA*

DOI 10.18224/frag.v33iEsp.13498

STEPHAN MALTA OLIVEIRA**

Resumo: *pretendo neste artigo mostrar como a sensibilidade presente nas dimensões estética e espiritual pode atuar como um fator de resistência à lógica dominante da produtividade e do rendimento, tomando como exemplar uma oficina de música para crianças e adolescentes autistas. A metodologia que utilizo consiste na revisão não sistemática da literatura, mediante a seleção de textos da ética da alteridade Levinasiana, da mística em Edith Stein e da teologia da experiência estética. Os resultados mostraram que, na oficina de música, por meio do reconhecimento do outro em sua diferença radical, é possível uma ampliação da sensibilidade dos/las participantes e a abertura a si mesmos/las e ao outro, além da percepção do Belo presente nas expressões, que conduz ao Mistério no instante que se abre ao eterno. Isto possibilita o ser sensível e não-indiferente à diferença de outrem, que subverte a lógica da performance, pautada na indiferença à alteridade de outrem.*

Palavras-chave: *Oficina de Música. Autismo. Sensibilidade. Teologia da Experiência Estética. Núcleo Pessoal.*

Pretendo com o presente artigo mostrar como o sensível presente, tanto na dimensão estética quanto na dimensão espiritual pode funcionar como resistência e subversão à lógica (capitalista) dominante da produtividade, da performance e do rendimento, tomando como exemplar um Projeto de Extensão universitária, que compreende duas oficinas de música, uma voltada para crianças e outra para adolescentes autistas. Além disto, busco ainda mostrar a importância da redução das defesas psíquicas, que possibilita o acesso à vulnerabilidade constitutiva do humano bem como a abertura a si mesmo/a e a outrem e a expansão do campo sensível-afetivo.

A metodologia do trabalho consiste na revisão não sistemática da literatura tipo narrativa e fundamenta-se nos seguintes referenciais teóricos: na ética da alteridade radical, de Emmanuel

* Recebido em: 25.05.2023. Aprovado em: 27.06.2023.

** Professor Adjunto de Neuropsiquiatria Infantil – Departamento Materno-Infantil – Faculdade de Medicina – Universidade Federal Fluminense. Pós-doutor em Psiquiatria – IPUB/UFRJ. Doutor em Saúde Coletiva – IMS/UERJ. Mestre em Psicologia - PUC-Rio. *E-mail*: stephanmoliveira@gmail.com

Lévinas, na mística em Edith Stein, na teologia da experiência estética e da beleza, com ênfase aos trabalhos de Paul Evdokimov, na filosofia da experiência estética, com destaque para Michel Henry e Franz Rosenzweig, e na psicanálise intersubjetiva fenomenológica, de Robert Stolorow. O que todos estes referenciais têm em comum é o fato de se debruçarem sobre a experiência sensível-afetiva do ser humano. Ressalta-se que, na mística em Edith Stein, não há qualquer referência explícita à dimensão sensível, mas há a explicitação de que a contemplação mística se dá para além da razão. Assume-se, neste trabalho, que este para além se inscreve na corporeidade.

Dentro da metodologia adotada, foram selecionados os seguintes textos: *Totalidade e Infinito*, de Emmanuel Lévinas; *Natureza, Liberdade e Graça* e *O castelo Interior*, de Edith Stein; *El arte del icono: teologia de la belleza*, de Evdokimov; *Ver o invisível: sobre Kandinsky*, de Michel Henry; *Estrella de la Redención*, de Rosenzweig; e *Da mente para o mundo, da pulsão para a afetividade: uma perspectiva psicanalítica fenomenológico-contextualista*, de Stolorow, além de textos de comentadores/as.

Na primeira parte, realizarei uma breve apresentação do Projeto de Extensão, de forma genérica, por se tratar de um trabalho eminentemente teórico. Em seguida, estabelecerei uma breve discussão sobre o que se compreende por autismo para os propósitos da Oficina de Música a partir dos referenciais da neurodiversidade e dos estudos críticos do autismo.

Na terceira parte, farei também brevemente uma exposição da ética da alteridade radical levinasiana, com ênfase às noções de sensibilidade e consciência não-intencional e ao aspecto da espiritualidade, que se materializa, sobretudo, nos encontros face-a-face.

Destinarei a quarta parte à mística em Edith Stein, com ênfase às noções de núcleo pessoal e Reino da Graça bem como à importância da abertura a si mesmo/a, ao mundo e a outrem, compreendendo que todo este processo se dá para além da razão. Na quinta parte, voltar-me-ei para a discussão central do artigo, ou seja, para mostrar como a experiência sensível, inscrita na corporeidade e constitutiva tanto da experiência estética quanto da experiência espiritual, pode atuar como um fator de resistência e subversão aos valores hegemônicos da sociedade contemporânea, mais especificamente, à lógica capitalista da produtividade, do rendimento e da performance bem como ao ideal normalizador que segrega e exclui.

Para isto, farei uma articulação com a psicanálise fenomenológica intersubjetiva de Robert Stolorow a partir da noção de validação/reconhecimento da experiência emocional do outro.

OFICINA DE MÚSICA PARA PESSOAS AUTISTAS

A Oficina de Música constitui um Projeto de Extensão universitária e compreende uma oficina voltada para crianças e outra para adolescentes autistas ou com outras neurodivergências (deficiência intelectual, transtornos de linguagem etc.), além de um grupo de estudos. Os encontros são realizados semanalmente e têm, em média, 45 minutos de duração. Participam dos encontros as crianças e adolescentes (em oficinas separadas), seus familiares (mãe, pai, avós, irmãos/ãs), os/as discentes estagiários/as da medicina, pedagogia, serviço social, psicologia, etc. - de acordo com a proposta interdisciplinar da ação - profissionais voluntários/as de diferentes campos do conhecimento e eu, enquanto coordenador.

O trabalho é baseado no uso livre e improvisado dos instrumentos musicais, segundo o referencial da musicoterapia de improvisação ((KIM; WIGRAM; GOLD, 2008) e na interação musical entre todos/as os/as participantes. Eu toco o violão – músicas infantis na oficina com as crianças e MPB, pop rock nacional na oficina com os adolescentes – e os/as demais participantes se expressam livremente utilizando outros instrumentos musicais, como flautas, tambores, pandeiros,

xilofones, chocalhos etc. (OLIVEIRA *et al.*, 2021). Os pacientes e familiares são convidados, muitas vezes, a escolherem uma música, de modo a terem participação mais ativa no processo. O Projeto enfoca, sobretudo, a dimensão da arte médica (medicina como arte), tão negligenciada pela medicina contemporânea (GUIMARÃES, 2002), e representa uma aplicação da arte na medicina, o que remete ao pioneirismo da psiquiatra alagoana Nise da Silveira no campo da psiquiatria brasileira (ORTIZ; ORTIZ, 2018).

Os principais objetivos do Projeto podem ser subdivididos em três aspectos: clínico, sócio-político e formativo. No primeiro, busca-se a promoção do bem-estar das crianças, adolescentes e familiares, a melhoria da qualidade de vida, enfocando, sobretudo, a expansão do campo sensível-afetivo dos/as participantes, isto é, ampliando suas possibilidades de expressão emocional por meio da validação/reconhecimento de suas vivências emocionais, ajudando-os/as a cada vez mais acessarem sua sensibilidade, favorecendo, desta maneira, o lidar com a própria vulnerabilidade – constitutiva do humano – bem como a abertura, tanto a si mesmo/a quanto a outrem, promovendo desta forma encontros significativos e facilitando a manifestação da espiritualidade de cada participante por meio da dimensão sensível, inscrita na corporeidade.

No aspecto ético-sócio-político, busca-se combater qualquer tipo de preconceito-pré-concepção acerca dos/as participantes, a valorização da diferença e diversidade humana bem como o reconhecimento do modo de ser, da unicidade e da diferença radical de cada um/a, como um aspecto irredutível a qualquer diagnóstico médico ou a qualquer outra identidade. No aspecto formativo, busca-se impactar a formação do/a discente por meio da aquisição teórico-prática de aspectos como acolhimento, disponibilidade/hospitalidade e abertura ao encontro. Para os propósitos do presente artigo, enfocarei, sobretudo, os dois primeiros grupos de objetivos.

NEURODIVERSIDADE E ESTUDOS CRÍTICOS DO AUTISMO

Faz-se necessário antes de se adentrar aos temas mais diretamente relacionados ao problema central do presente artigo, tecer alguns comentários sobre a visão de autismo que se adota no Projeto de Extensão. Para isto, são utilizados dois campos teóricos que se contrapõem ao chamado modelo médico do autismo, o qual concebe a condição como doença/patologia: o paradigma da neurodiversidade e os estudos críticos do autismo.

O paradigma da neurodiversidade surge a partir do conceito cunhado pela socióloga australiana Judy Singer – pessoa autista nível I segundo o DSM-5 (APA, 2014) - no final dos anos 90, que diz respeito a uma conexão neurológica atípica (ORTEGA, 2008). De acordo com Ortega (2008), no paradigma da neurodiversidade, o autismo passa a ser compreendido como fruto da variabilidade natural do genoma humano, que resulta na variabilidade natural do funcionamento neuronal, ou seja, resulta na diversidade neuronal.

Os movimentos da neurodiversidade surgem a partir do paradigma da neurodiversidade, inspirados por outros movimentos sociais, como os movimentos da deficiência (*Disability Movement*), os quais se inspiraram nos movimentos de minorias, como o movimento negro, o movimento feminista e o movimento gay, dos anos 60, nos Estados Unidos. Os *Disability Movement* estabelecem uma crítica contundente à hegemonia do discurso médico e buscam uma alternativa ao mesmo, tendo como lema principal e norteador das ações: “*Nothing about us without us*”, marcando o protagonismo das próprias pessoas com deficiência na luta pelos seus direitos.

Os movimentos da neurodiversidade são criados, sobretudo, por pessoas autistas consideradas de alto-funcionamento e que concebem o autismo enquanto uma questão identitária, em termos

de diferença e não de patologia. Outros termos utilizados são neuroatipias ou neurodivergências. O autismo é, portanto, segundo esta perspectiva, uma formação identitária tal qual são os negros, os gays e os canhotos (ORTEGA, 2008).

Os ativistas da neurodiversidade criticam o ideal normalizador, que surge na Modernidade fortemente vinculado ao ideário eugenista, e separa os normais dos anormais, estabelecendo relações de poder entre as pessoas categorizadas em ambos os grupos, privilegiando os primeiros e marginalizando os segundos (WALKER, 2016). Segundo a pesquisadora Erica Burman (2017), em seu livro *Deconstructing the Developmental Psychology*, no qual tece uma crítica contundente à psicologia do desenvolvimento e aos seus marcos normativos, aquelas crianças que não conseguem preencher os marcos normativos esperados, definidos pela média, em seu período inicial de desenvolvimento, começam a trilhar desde cedo um caminho marcado pela segregação, exclusão e opressão social.

Uma das principais linhas de trabalho destes movimentos consiste em combater a ideia de que o autismo é uma patologia que deva ser curada, sendo por isto também denominados movimentos “anti-cura”. Por tratar-se de uma questão identitária, curar o autismo seria o mesmo que fazer a pessoa “deixar de existir” e esta visão apenas reforçaria o capacitismo – preconceito contra as pessoas com deficiência – e a ideia de que determinadas formas de vida valem menos que outras (ORTEGA, 2009).

O conceito de neurodiversidade é extremamente potente no âmbito sócio-político, no sentido de contribuir para práticas de transformação social. No entanto, no plano humano e existencial, apresenta alguns problemas, uma vez que agrupa todas as pessoas autistas em uma única categoria – neurodiversos – separando-as das outras pessoas – neurotípicas – não considerando, de certa forma, a unicidade de cada pessoa e reduzindo-a a uma identidade. Neste sentido, para os propósitos da Oficina de Música e para o presente trabalho, os Estudos Críticos do Autismo têm muito a contribuir.

Este campo emergente de produção do conhecimento acerca do autismo é bastante heterogêneo, mas um denominador comum entre todos/as os/as pesquisadores/as envolvidos/as é a ideia de que a categoria autismo é uma construção social, datada historicamente. Descreverei a seguir, brevemente, duas posições distintas dentro deste campo.

Dan Goodley (2016), por exemplo, em seu texto *Autism and the Human*, critica o que ele define por *ethnoclass man*, que consiste em se tomar a ideia de humano a partir do homem branco europeu, da classe média burguesa, cis-heterossexual e racional, ficando todas as pessoas que não se enquadram nesta referência situadas num degrau abaixo da humanidade, como os povos indígenas, latinos e africanos, as pessoas LGBTQIA+ e as pessoas com transtornos mentais graves ou com algum tipo de deficiência (OLIVEIRA, 2022). Ao contrário, Goodman (2016) propõe que se tome o autismo – as pessoas autistas com suas diferenças em termos de comunicação, interação e comportamento – como a referência para que, a partir delas, se pense a categoria do humano.

Por outro lado, Kim Davis (2016), em seu texto *How rude? Autism as a study in ability*, e Anne McGuire, no texto *Life without autism: a cultural logic of violence*, ambos publicados como capítulos do livro *Rethinking Autism – diagnosis, identity and equality* (assim como o texto de Goodley), propõem, na verdade, a extinção da categoria autismo uma vez que defendem que se trata de uma categoria surgida no contexto médico e que apenas reforça a lógica normalizadora da Modernidade, a qual distingue os seres humanos em normais e anormais e, em última instância, em humanos e sub-humanos. McGuire (2016) afirma que o autismo, ao ser reificado e tratado como coisa, subtrai a Pessoa, e que a violência perpetrada contra as pessoas autistas ou com deficiência em geral não consiste em algo aleatório, mas trata-se de uma prática que tem um fundamento racional, no caso, no ideário eugenista-normalizador moderno.

Emmanuel Lévinas foi um filósofo judeu nascido na Lituânia em 1906, que na sua juventude migrou com sua família para a Ucrânia, vivenciando o período da revolução soviética de 1917, e posteriormente para Estrasburgo na França, onde realizou sua formação acadêmica. Teve contato com Heidegger e Husserl, pensadores que exerceram influência direta sobre seu pensamento, embora a vivência dos horrores da Segunda Guerra Mundial – passando alguns anos em um campo de trabalho forçado, preso como militar francês – tenha marcado profundamente sua obra e feito com que tecesse uma profunda e contundente crítica à ontologia heideggeriana. Lévinas faleceu em 1995 (FERREIRA, 2017).

Uma das categorias conceituais mais caras ao pensamento do filósofo judeu-franco-lituano é a de sensibilidade. Lévinas (1980) atrela a sensibilidade à própria subjetividade. Nos primórdios da formação da subjetividade, o eu vive em sua fruição do mundo, frui do elemental, daquilo que tem conteúdo, mas não tem forma; frui do leite que o alimenta, da água que bebe, do ar que respira, da terra em que pisa, vive de...

A sensibilidade descreve-se pois, não como um momento da representação, mas como o próprio ato da fruição (...) A sensibilidade não é um conhecimento teórico inferior, ainda que intimamente ligado a estados afetivos: na sua própria gnose, a sensibilidade é fruição, satisfaz-se com o dado, contenta-se (...) Mas o contentamento, na sua ingenuidade, esconde-se atrás da relação com as coisas. A terra onde me encontro e a partir da qual acolho os objetos sensíveis ou me dirijo para eles, basta-me. A terra que me sustenta, sustenta-me sem que eu me preocupe em saber o que é que mantém a terra (LÉVINAS, 1980, p. 120-121).

Na continuidade da formação da subjetividade/interioridade, o eu recolhe-se em si mesmo, por meio do acolhimento do Outro feminino. Na metáfora levinasiana da habitação, o eu está em sua casa, a partir da qual se protege das intempéries e vicissitudes do mundo, que interrompem a fruição, mantendo contato com a exterioridade por meio de suas portas e janelas. Neste momento, há o advento da representação, na qual o eu representa o objeto que está fora, toma posse e o traz para dentro da casa. Trata-se do advento da economia e do trabalho, a partir do qual o eu adia o livre gozo da vida, o fruir de (MARÍN-BLÁZQUEZ, 2016). Deste modo, a sensibilidade para Lévinas pertence à dimensão da consciência não-intencional ou intencionalidade afetiva, que consiste em uma consciência pré-reflexiva e anterior à intencionalidade husserliana; esta, por sua vez, consiste em uma consciência que constitui os objetos, reflexiva e representativa.

O passo posterior da subjetividade é decisivo: consiste na abertura a outrem, em esvaziar a própria casa e oferecer sua hospitalidade a outrem. Trata-se da dimensão ética propriamente dita em Lévinas, que não significa um conjunto de normas e regras que regulam determinadas práticas, mas responsabilidade pela alteridade em sua diferença radical; responsabilidade que, em um sentido cronológico, emerge *à posteriori* no desenvolvimento humano, mas no sentido anacrônico, é pré-origenária, anterior a qualquer começo; significação que antecede o próprio signo e qualquer construção cultural (LÉVINAS, 2009).

Tal formulação levinasiana foi possível a partir de sua fecunda articulação entre a filosofia – em especial, a fenomenologia – e o pensamento judaico-talmúdico. Como afirma Franz Rosenzweig (1997), filósofo judeu que exerceu grande influência sobre Lévinas, o mundo é fundado na

relação entre o Eu e o Tu, a partir de uma Palavra primeira, originária, que exige uma resposta. Não se trata de um saber, um representar, de um Eu e Isso como em Martin Buber (1923/2017), mas da pragmática relacional Eu-Tu. O eu, enquanto subjetividade vulnerável e exposta (LÉVINAS, 2011), é convocado pelo rosto nu e indigente do outro à responsabilidade, a qual antecede a própria liberdade; convocação que precede a escolha.

Tudo isto se dá na dimensão da sensibilidade/afetividade, da consciência não-intencional, aquém e além de qualquer representação ou saber teórico, na dimensão dos encontros face-a-face, do acolhimento sensível a outrem, da não-indiferença à diferença de outrem, a partir da qual se reconhece o rosto do outro como um vestígio do Infinito, que traz consigo, em sua epifania, o mandamento do “não-matarás” (LÉVINAS, 1980).

A dimensão da violência na ética da alteridade radical levinasiana aparece justamente na crítica do pensador judeu à ontologia. Segundo Lévinas (1980), a ontologia busca o conhecimento universalizante e totalizante do ser e representa a base do pensamento filosófico ocidental, que constitui uma egologia, uma vez que a ênfase invariavelmente recai sobre o eu e não sobre a alteridade. Este conhecimento totalizante acaba por reduzir o Outro ao Mesmo, por identificar a alteridade ao eu, anulando desta maneira, a diferença radical de outrem, tomando posse de outrem como se toma de um objeto. Isto se dá por meio da representação, que agrupa o outro em categorias, comparando aquele que é único e incomparável.

Deste modo, a totalização do outro - que se dá pela via do pensamento representativo e anula a unicidade e, portanto, a humanidade de outrem - está na base das diversas formas de totalitarismos, na base da insensibilidade e indiferença com relação à diferença de outrem (LÉVINAS, 1980; 2011).

MÍSTICA STEINIANA

Edith Stein nasceu em 12 de outubro de 1891. Filha de uma família judia, converteu-se ao Cristianismo em 1922, ingressando no Carmelo de Colônia, Alemanha, em 1933. Doutorou-se com Edmund Husserl com a tese intitulada “*Sobre o problema da empatia*” e foi também influenciada por Heidegger. A obra Steiniana pode ser dividida numa primeira fase fenomenológica, uma segunda tomista e uma terceira mística, embora o diálogo entre a fenomenologia e a filosofia escolástica sempre se fez presente em seu pensamento. Em 1940 fugiu dos nazistas para um convento na Holanda, sendo capturada em 1942 e assassinada nas câmaras de gás (VARGAS, 2021).

Para os propósitos deste artigo, abordarei a mística em Edith Stein a partir de dois textos da filósofa: *O castelo interior* e *Natureza, liberdade e Graça*. No primeiro texto, publicado como um apêndice na obra *Ser finito e Ser eterno*, Edith Stein (2007) apresenta de forma extremamente rica as ideias contidas na obra *As Moradas do Castelo Interior*, da mística cristã Santa Teresa D’Ávila, e em ambos os textos estabelece uma fecunda analogia com a estrutura da pessoa humana e suas dimensões corporal, anímica ou psíquica e espiritual (STEIN, 2003). Deste modo, as duas primeiras dimensões situam-se na superfície da pessoa enquanto a última na profundidade, constituindo a morada mais interior do castelo ou o núcleo pessoal.

De acordo com a analogia, o eu pode se situar em qualquer ponto do castelo (inclusive na sua exterioridade), iluminando uma ou outra região, podendo neste sentido tomar posição a partir da superfície ou da profundidade (STEIN, 2007).

Embora Edith Stein não tenha trabalhado com a categoria sensibilidade para referir-se à dimensão espiritual, pode-se inferir que, na verdade, o espiritual enquanto núcleo pessoal diz respeito a uma sensibilidade mais profunda, inscrita, portanto, na corporeidade (OLIVEIRA, 2022).

Na obra *Natureza, Liberdade e Graça*, a filósofa judia-cristã afirma que o acesso à dimensão espiritual ou ao Reino da Graça se dá pela via da contemplação mística, que está para além da razão natural, portanto, além de qualquer pensamento representativo. Nesta tomada de posição a partir da profundidade, enquanto alma liberta, a pessoa se abre tanto ao outro e ao mundo quanto a si mesma, ao mais íntimo de sua alma, onde reconhece/percebe/sente a presença da transcendência, como em Santo Agostinho (1998). Segundo Stein (2015, p. 130-131).

O espírito de luz, o Espírito Santo, atua na alma de que toma posse uma transformação de suas reações naturais. Há reações que são excluídas por ele, mesmo onde essas são acrescidas pela razão natural: ódio, sanha de vingança etc. E há atos espirituais e estados anímicos que são as formas específicas de sua vida atual: amor, misericórdia, perdão, bem-aventurança, paz. Surgem também onde não há qualquer motivo para tal segundo a razão natural. Por isso “a paz de Deus” está “acima de toda razão”. E por isso o reino de Deus deve parecer ser uma “loucura” para todos que estão de fora. Por sua essência, o espírito de luz é plenitude transbordante, riqueza a mais plena e que jamais diminui. Não porque ele não pudesse permanecer junto de si, ele irradia para fora.

Com relação à abertura ao outro e ao mundo, Stein (2007), no texto *O castelo interior*, faz uma analogia com o modo como a criança e o artista se abrem ao mundo, distinguindo do perder-se no mundo exterior da existência caída. “Mas nesse perder-se devemos distinguir a entrega objetiva, como o faz a criança ou o artista em um gesto que chega até o ‘esquecimento de si’, mas que não exclui em determinado momento um real retorno à própria interioridade” (STEIN, 2007, p. 551). Portanto, a autêntica abertura ao outro e ao mundo implica simultaneamente em uma autêntica abertura à própria interioridade, ao passo que na pessoa repleta de defesas e que toma posição a partir da superfície - enquanto alma ingênuo-natural - há apenas uma falsa abertura ao mundo, que se dá por meio de distrações e entretenimentos, havendo na verdade, um fechamento ao outro e à própria interioridade, ao núcleo pessoal.

Pode-se inferir mais uma vez que, embora Edith Stein, não utilize a categoria sensibilidade ou experiência sensível para tratar da dimensão espiritual ou do Reino do Alto, ao trazer para a cena a figura da criança e do artista, a autora abre caminhos para que se possa pensar a sensibilidade de ambos em sua genuína abertura ao outro/mundo e a si mesmo/a.

O SENSÍVEL NA ESTÉTICA E NA ESPIRITUALIDADE COMO RESISTÊNCIA E SUBVERSÃO

Robert Stolorow (2011), em sua psicanálise fenomenológica intersubjetiva, enfoca a dimensão afetiva do ser humano, defendendo a importância do reconhecimento e validação da experiência emocional da criança em seu processo de desenvolvimento bem como do paciente na clínica; poder-se-ia dizer, em outras palavras, a importância da validação e reconhecimento do modo único de ser do outro, em sua diferença radical. Segundo Stolorow (2011), este processo é fundamental para a diminuição das resistências dos pacientes, de suas defesas, e para que estes acessem sua vulnerabilidade constitutiva e consigam lidar com seu desamparo originário (FREUD, 1926/2014). Deste modo, com a diminuição das defesas, há maior possibilidade de a pessoa entrar em contato com sua própria sensibilidade, aumentando seu campo afetivo, isto é, suas possibilidades de experimentar diferentes vivências emocionais, além de possibilitar maior abertura a si próprio/a e ao outro.

Penso ser necessária esta pequena introdução sobre a psicanálise intersubjetiva antes de se adentrar na importância da arte para o desenvolvimento da experiência sensível e, consequentemente como será visto, da espiritualidade, pois na clínica, no caso específico da Oficina de Música, é possível perceber a importância de validar e reconhecer os afetos e sentimentos dos/as pacientes bem como seu modo único de existência para que suas defesas sejam quebradas, reduzidas, e desta forma eles/as possam vivenciar os efeitos estéticos da arte/beleza (música) sobre seus próprios corpos de uma maneira mais rica e profunda.

Farei uma pequena incursão acerca da relação entre os efeitos estéticos da beleza em geral, incluindo aquela própria da expressão artística, e a espiritualidade a partir de constructos da teologia da beleza e da teologia/filosofia da experiência estética/sensível. O teólogo russo Paul Evdokimov (1991), na obra *El arte del Icono – teología de la belleza*, mostra a intrínseca relação existente entre a beleza e o Mistério, ou seja, entre estética e mistagogia. Deste modo, a beleza pode ser uma das vias de acesso ao Mistério quando se indaga sobre a fonte do belo; mas para que tal indagação seja feita, é necessário antes ser tocado pela beleza, ser afetado por esta, e para isto é fundamental que a pessoa acesse sua própria sensibilidade, ou seja, que não tenha defesas demasiadas ao ponto de ofuscar a dimensão sensível.

Na teologia cristã, mais especificamente na estética teológica, há a chamada via *Pulchritudinis*, que consiste justamente no acesso à transcendência pela via da beleza. Evdokimov (1991) trata das imagens da arte sacra enquanto ícones, que remetem para além da própria imagem, para algo que a transcende. Pode-se pensar a experiência da beleza a partir de uma obra artística ou mesmo a partir da livre expressão artística – sem preocupação com o resultado estético, como ocorre na Oficina de Música – na relação com a natureza, com a beleza dos oceanos, das montanhas, dos animais – como pode ser constatado nos escritos de Rubem Alves (2015) – ou nos atos de amor, como no amor incondicional entre pais e filhos/as descrito pelo teólogo suíço Hans Balthasar (1991).

Nestes exemplos mencionados, pode-se verificar uma relação entre o visível e o invisível, em que o belo se manifesta ora num aspecto da realidade, ora em outro. De qualquer forma, a experiência da beleza inevitavelmente leva à dimensão invisível do real - uma vez que remete à própria subjetividade, como será visto mais adiante em Michel Henry (2012) - e ao Mistério; Mistério este que jamais poderá ser desvendado pela racionalidade objetivista, visto ser da ordem do inobjetivável. Como mostra Hans Balthasar (1985), a experiência estética levada às últimas consequências culmina na experiência mística (AVENATTI DE PALUMBO, 2013). Sobre tal relação entre o sensível e a mistagogia, Evdokimov afirma:

O artista traz sua luz para a escuridão, mas não reproduz nem copia. Ele cria formas perceptíveis pelos sentidos (...) No mais alto nível, a Arte aspira a apresentar uma visão da plenitude do ser, do mundo como ele deve ser em sua perfeição. A arte abre o caminho em torno do Mistério do Ser. A percepção intuitiva da Beleza é já um tipo de vitória criativa sobre o caos e a feiúra (...) A arte está, acima de tudo, ligada à expressão. Isto porque a experiência estética é a mais imediata de todas as experiências; na música isto pode ser mesmo o caso, visto que o dinamismo da música é livre das contingências do espaço e situa-se inteiramente no tempo (...) A arte revela a nós uma profundidade que é logicamente inexprimível (...) A beleza está presente na harmonia de todos os seus elementos e nos coloca face a face com uma verdade que não pode ser demonstrada ou provada, apenas contemplada. O mistério da beleza ilumina o fenômeno externo desde dentro, enquanto a alma irradia misteriosamente sobre a face da pessoa. A beleza nos encontra e

nos conhece intimamente (...) Nós somos tomados pela experiência, sem mesmo sermos capazes de encontrar palavras poéticas para descrever o que nós sentimos. Esta experiência não se relaciona à mente ou à razão, mas ao coração, no sentido Pascaliano. Para Isabelle Rivière, a tarefa de Alain Fournier em *Le Grand Meaulnes* é restaurar a vida ao que há de maravilhoso no mundo naquele ponto ‘onde todas as coisas são vistas em sua beleza secreta’. Grandes pintores afirmam que eles jamais veem qualquer coisa feia na natureza (...) Como uma pessoa viva, o mundo se dirige a nós, fala a nós, canta a nós, nos mostra suas cores secretas e nos preenche com uma alegria esmagadora; nossa solidão é quebrada. Nós comungamos com a beleza de uma área rural, com um rosto ou com uma poesia no mesmo modo que nós comungamos com um amigo, Sentimos uma estranha relação com uma realidade que parece ser a casa de nossa alma, uma vez perdida, agora encontrada. A arte ‘de-fenomenaliza’ a realidade presente, e como resultado o mundo todo se abre ao mistério (EVDOKIMOV, 1991, p. 26-27, tradução feita pelo autor).

O fenomenólogo francês Michel Henry (2012), em sua obra *Ver o invisível: sobre Kandinsky*, mostra como o pintor russo diferencia o visível do invisível, que corresponde respectivamente ao exterior e ao interior. Henry, então, ao tratar da obra do pai do abstracionismo, defende que nenhuma pintura, na verdade, é uma cópia ou representa a realidade externa, mas ao contrário, invariavelmente expressa a interioridade do artista, que toda criação artística é uma expressão do *pathos* – sofrimento e gozo - da subjetividade, expressão da Vida (o filósofo acentua muitas vezes a palavra vida com V maiúsculo para mostrar que o ser humano não é a fonte da vida, que o invisível da subjetividade remete a esta fonte). Além disto, referindo-se a Kandinsky, Michel Henry (2012) afirma que a música é a arte por excelência, uma vez que não possui nenhum referencial externo, lidando apenas com o tempo e os sons, enquanto pura expressão subjetiva. E referindo-se a Schopenhauer, Henry (2012, p. 149) afirma:

O poder metafísico dessa arte suprema que é a música é revelar imediatamente essa Vontade noturna – imediatamente: sem a mediação da objetivação, da aparência visível em que a vida só se exhibe dissimulando o que seu ser tem de mais próprio e íntimo. Aqui, Schopenhauer formula proposição surpreendente – uma das que permitem entender o que é Deus: ‘a música poderia existir mesmo se o universo não existisse’.

Deste modo, na Oficina de Música, a ideia é justamente ajudar os/as pacientes e seus/suas familiares a se expressarem livremente, ao mesmo tempo em que se busca validar e reconhecer seus sentimentos e afetos, seu modo de ser, em sua unicidade e diferença radical, possibilitando desta maneira que os/as mesmos/as reduzam suas defesas e acessem de uma forma mais plena sua sensibilidade, ampliando seu campo afetivo, para que possam se abrir ao encontro, ao outro e a si mesmos/as, numa tomada de posição a partir da profundidade, do núcleo pessoal.

Desta maneira, busca-se possibilitar a todos/as os/as participantes da Oficina, não só aos/às pacientes e familiares, mas também aos/às estagiários/as, profissionais voluntários/as e a mim mesmo (enquanto coordenador-participante da atividade), a vivência compartilhada do Belo, da Beleza que advém da expressão singular de cada um/a e, desta forma, possibilitar que cada um/a, à sua maneira e dentro de suas possibilidades, trilhe o caminho que conduz ao Mistério, a *via Pulchritudinis*. Quanto mais possível for o acesso à sensibilidade, no contexto relacional de validação e reconhecimento mútuos, tanto mais possível será o reconhecimento do rosto do outro como um

vestígio do Infinito, o outro como uma obra de arte - única e incomparável – bem como o acesso ao mais íntimo da própria alma. E toda construção de conhecimento que advém deste modo de ser pautado na vulnerabilidade-sensibilidade-abertura (OLIVEIRA, 2022) consiste em uma sabedoria encarnada, ou seja, em uma sabedoria da carne (RIBEIRO JR., 2019), que advém da própria experiência sensível, sem nenhuma dicotomia entre mente e corpo ou entre razão e afeto; uma sabedoria vinculada ao espírito de finura (*esprit de finesse*) de Blaise Pascal (2006), que segue a lógica/razão do coração e se opõe ao espírito geométrico, relacionado ao conhecimento lógico-racional. Trata-se, portanto, de um conhecimento que humaniza, que produz processos de humanização.

Retomando o exemplar da Oficina de Música: há nos encontros diferentes momentos, ou melhor, diferentes instantes que se combinam na duração, no fluxo do tempo. Há instantes marcados por caos, por desencontros, desarmonia, inquietações, mas há instantes marcados pela comunhão, por um encontro significativo e genuíno (face-a-face) entre dois (duas) ou mais participantes; encontros em que há uma perfeita sintonia entre os/as envolvidos/as, nos quais é possível perceber que o outro se sente validado e reconhecido em seu modo único de existência, em sua alteridade radical, em seus afetos e sentimentos, nos quais é possível ser sensível e não-indiferente à diferença de outrem. Nestes instantes – aqui descrevo minha própria vivência como participante do Projeto – é possível sentir a presença do brilho da eternidade iluminando o tempo; que o tempo para, não existindo mais nem passado nem futuro. Como afirma Kierkegaard (2010), o instante não é o átomo do tempo, mas da eternidade, o ponto em que o temporal e o eterno se tocam.

O filósofo judeu Franz Rosenzweig, na obra *Estrela da Redenção*, articula a categoria do instante com a música, o ato de amor, o eterno e a Redenção. Segundo Rosenzweig (1997), cada ato de amor é um sim à vida, mesmo diante de todas as adversidades, nascendo, morrendo e renascendo (re-existindo) a cada instante; a cada instante, o ser humano que ama diz o seu sim à existência, o que lhe abre as portas do eterno e da Redenção; ao mesmo tempo, o filósofo afirma que a música é constituída pelos instantes, que contém o ritmo, a harmonia e a melodia da música, e expressam a tríade Criação-Revelação-Redenção.

Portanto, correlacionando estes saberes com a vivência da oficina de música, estes instantes marcados por encontros significativos face-a-face, pode-se dizer pelo ato de amor redentor enquanto um sim à vida - representado pelo reconhecimento, validação e pela sensibilidade à diferença de outrem - fazem com que o tempo pare, com que *Kairós* – o tempo oportuno – rompa com a sequência ininterrupta de *cronos* (OLIVEIRA, 2022) e, desta maneira, o instante se ilumina com o brilho da Luz Eterna, na Redenção.

Em contraposição ao modo de ser vulnerável-sensível-aberto descrito anteriormente, há o modo de ser que representa o *modus operandi* da sociedade contemporânea, caracterizado por rígidas defesas onipotentes-narcísicas contra a vulnerabilidade constitutiva do ser humano, que acaba aplacando a sensibilidade e estreitando o campo afetivo da pessoa, resultando em um fechamento tanto ao outro/mundo quanto ao mais íntimo de si mesmo/a. Este modo de ser caracteriza-se também pela tomada de posição a partir da superfície, num fechamento à dimensão espiritual, enquanto alma ingênuo-natural, no sentido Steiniano, bem como pelo egocentrismo, resultando numa insensibilidade e indiferença com relação à diferença de outrem.

As produções de conhecimento resultantes neste caso podem ser consideradas desencarnadas, uma vez que resultam de uma dicotomia entre mente e corpo e entre razão e afeto. A tendência é que haja uma racionalização e apreensão do outro pela via representativa, sob a forma de (pré) conceitos e classificações, o que faz com que o outro seja reduzido ao Mesmo, com que se tome posse deste/a e se compare aquele/a que é incomparável, anulando-se desta maneira a alteridade radical

de outrem. Desta forma, criam-se conjuntos, em que alguns seres humanos passam a constituir o ser, o sistema – como os “normais”, por exemplo – e outros passam a constituir o não-ser ou o nada (SCORALICK, 2021) – como os “anormais”. Portanto, este modo de ser e as produções discursivas correspondentes – que produzem processos de desumanização, numa primazia do espírito geométrico Pascaliano sobre o espírito de finura – estão intrinsecamente relacionados à lógica da produtividade, da performance e do rendimento que, por sua vez, se relacionam ao sistema de produção vigente.

Nesta lógica, o valor do ser humano deixa de ser intrínseco à pessoa e passa a corresponder ao seu rendimento ou ao que ela poderá render no futuro, no caso das crianças (MARCEL, s/d). Trata-se de uma lógica voltada para o futuro, para o resultado, para o que será produzido, que, por outro lado, esvazia a vivência do instante no aqui e agora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busquei com este artigo mostrar como o sensível da experiência humana, presente tanto na dimensão estética quanto na dimensão espiritual, pode servir como um fator de resistência e subversão às normas e valores dominantes da sociedade contemporânea, vinculados à lógica da produtividade e competitividade, própria do sistema econômico vigente.

Para isto, utilizei como exemplar um projeto de extensão universitária – uma Oficina de Música para crianças e adolescentes autistas – no qual se tem buscado, por meio da validação e reconhecimento do modo único de ser do outro, em sua diferença radical, de seus sentimentos e afetos, uma ampliação do campo afetivo dos/as participantes, da sensibilidade de cada um/a, de tal modo que seja possível cada vez mais, a despeito das dificuldades e vulnerabilidades inerentes a cada um/a, a abertura a si mesmo/a e a outrem bem como a apreensão do Belo nas vivências do instante; que seja possível cada vez mais o sentir-se afetado/a pelo rosto nu e indigente de outrem, a não-indiferença à diferença de outrem, que subverte o *modus operandi* dominante na contemporaneidade, pautado pela insensibilidade e indiferença com relação à alteridade e unicidade de outrem.

MUSIC WORKSHOP FOR AUTISTIC PEOPLE: SENSITIVITY, AESTHETICS AND SPIRITUALITY AS RESISTANCE

Abstract: in this article, I intend to show how the sensitivity present in the aesthetic and spiritual dimensions can act as a resistance factor to the dominant logic of productivity and performance, taking as an exemplary a music workshop for autistic children and adolescents. The methodology I use consists of a non-systematic review of the literature, through the selection of texts from the ethics of alterity, the mystique in Edith Stein and the theology of aesthetic experience. The results showed that, in the music workshop, through the recognition of the other in their radical difference, it is possible to increase the participants' sensitivity and openness to themselves and to the other, in addition to the perception of Beauty present in the expressions, which leads to the Mystery in the instant that opens itself to the eternal. This makes it possible to be sensitive and non-indifferent to the difference of otherness, which subverts the logic of performance, based on indifference to the alterity of others.

Keywords: music workshop. Autism. Sensitivity. Theology of aesthetic experience. Personal core.

Referências

- AGOSTINHO. *Solilóquios e a vida feliz*. São Paulo: Paulus, 1998.
- ALVES, R. *O Deus que conheço*. Campinas: Verus, 2015.

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *DSM-5 – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- AVENATTI DE PALUMBO, C. I. La experiencia mística como corazón de la Estética Teológica de Hans Urs von Balthasar. *Teoliterária*, v. 3, n. 6, p. 10-22, 2013.
- BALTHASAR, H. U. V. *Gloria: una estética teológica* 1. La percepción de la forma. Madrid: Encuentro, 1985.
- BALTHASAR, H. U. V. *Unless You Become Like This Child*. Ignatius Press, 1991.
- BUBER, M. *Eu e Tu*. Trad.: Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro, 1923/2017.
- BURMAN, E. *Deconstructing Developmental Psychology*. 3. ed. Londres: Brunner-Routledge, 2017.
- DAVIS, K. How rude? Autism as a study in Ability. In: RUNSWICK-COLE, K. MALLET, R.; TIMIMI, S. (eds.). *Rethinking Autism – diagnosis, identity and equality*. London and Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers, 2016. p. 132-145.
- EVDOKIMOV, P. *El Arte del Icono – Teología de la Belleza*. Trad.: Laura García Gámiz. Madrid: Publicaciones Claretianas, 1991.
- FERREIRA, F. S. *Sensibilidade e fruição na obra Totalidade e Infinito de Emmanuel Levinas*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade Federal de Santa Maria-RS, Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2017.
- FREUD, S. Inibição, sintoma e angústia. *Obras Completas* [tradução Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, v. 17, p. 13-123, 2014. Originalmente publicado em 1926.
- GOODLEY, D. Autism and the Human. In: RUNSWICK-COLE, K. MALLET, R.; TIMIMI, S. (eds.). *Rethinking Autism – diagnosis, identity and equality*. London and Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers, 2016. p. 146-158.
- GUIMARÃES, M. B. L. Intuição e arte de curar: pensamento e ação na clínica médica. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 136-142, 2002.
- HENRY, M. *Ver o invisível: sobre Kandinsky*. Trad. Marcelo Rouanet. São Paulo: É Realizações editora, 2012.
- KIERKEGAARD, S. A. *O Conceito de Angústia*. Trad.: Álvaro Luiz Montenegro Valls. 2. ed. Petrópolis: Ed. Vozes; Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2010.
- KIM, J.; WIGRAM, T.; GOLD, C. The Effects of Improvisational Music Therapy on Joint Attention Behaviors. Autistic Children: A Randomized Controlled Study. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 38, n.9, p. 1758-1766, 2008.
- LÉVINAS, E. *Totalidade e Infinito*. Trad: José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1980.
- LÉVINAS, E. *Humanismo do Outro Homem*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LÉVINAS, E. *De outro modo que ser ou para lá da essência*. Trad.: José Luís Pérez e Lavínia Leal Pereira. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.
- MARCEL, G. *Os homens contra o homem*. (Trad: Almeida, V.) Porto: Educação Nacional, s/d.
- MARÍN-BLÁZQUEZ, A. B. *La perspectiva del gozo en la ética de E. Lévinas*. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia. Universidad Complutense de Madrid, 2016.
- McGUIRE, A. Life without autism: a cultural logic of violence. In: RUNSWICK-COLE, K. MALLET, R.; TIMIMI, S. (eds.). *Rethinking Autism – diagnosis, identity and equality*. London and Philadelphia: Jessica Kingsley Publishers, 2016. p. 93-109.

- OLIVEIRA, S. M.; DAMASCENO, L. A.; HOFMANN; SCHAEFER, C. A. R.; DAMASCENO, L. A.; SILVEIRA, A. C. M. Música, autismo e diferenças: a representação como violência em Lévinas e Deleuze. *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v. 17, p. 1-18, 2021.
- OLIVEIRA, S. M. *Sob a luz do amor: ética, clínica e transcendência*. São Carlos: Pedro e João editores, 2022.
- ORTEGA, F. O Sujeito Cerebral e o Movimento da Neurodiversidade. *Mana*, v. 14, n. 2, 2008.
- ORTEGA, F. Deficiência, autismo e neurodiversidade. *Ciênc. Saúde Coletiva*, v. 14, n. 1, p. 67-77, 2009.
- ORTIZ, A. C. V. C.; ORTIZ, P. H. F. A compreensão rebelde de Nise da Silveira: uma mulher à frente do seu tempo. *Folios*, v. 40, p. 51-64, jul./dez. 2018.
- PASCAL, B. *Do espírito geométrico e outros textos*. Trad: Antonio Geraldo da Silva. São Paulo: Scala, 2006.
- RIBEIRO JÚNIOR, N. *Sabedoria da carne: uma filosofia da sensibilidade ética em Emmanuel Lévinas*. São Paulo: Ed. Loyola, 2019.
- ROSENZWEIG, F. *La Estrella de la Redencion*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1997. Originalmente publicado em 1976.
- SCORALICK, K. Enrique Dussel e a filosofia da libertação. *Ekstasis: revista de hermenêutica e fenomenologia*, v. 10, n. 2, p. 87-100, 2021.
- STEIN, E. Estructura de la Persona Humana. In: *Obras completas IV. Escritos antropológicos y pedagógicos* (F. J. Sancho, e cols., Trads., J. Urkiza, revisão). Madrid: Editorial Monte Carmelo, 2003. (Originais de 1932-33).
- STEIN, E. O castelo interior. *Ser finito e ser eterno. Obras Completas, vol. III*. Burgos: Ediciones El Carmelo, Editorial de Espiritualidad e Editorial Monte Carmelo, 2007.
- STEIN, E. Natureza, liberdade e Graça. *Rev. Filosófica São Boaventura*, Curitiba, v. 9, n. 2, p. 119-131, jul./dez. 2015.
- STOLOROW, R. D. Da mente para o mundo, da pulsão para a afetividade: uma perspectiva psicanalítica fenomenológico-contextualista. *Revista Brasileira de Psicanálise*. v. 45, n. 2, p. 165-177, 2011.
- VARGAS, C. Fé e razão em Santa Edith Stein. *Revista Filosófica São Boaventura*, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 212-232, 2021.
- WALKER, N. *Autism and The Pathology Paradigm. Neuroqueer*. The Writings of Dr. Nick Walker, 2016. Disponível em: <https://neuroqueer.com/autism-and-the-pathology-paradigm/>. Acesso em: 12 abr. 2023.